

## **Polissemia or Construction of the Linguistic Forms Signification in and through the Linguistic Context?**

*Helena Topa Valentim*

With this brief presentation, I intend to demonstrate that, in the framework of a semantic and enuntiative analysis, we can explore different nature phenomena and formulate the problem of the affectation of a sense to a linguistic unit and, therefore, the functionality of the concept of polissemia. Concerning the problem of the relation between linguistic signification and the construction of referential values, it is evident that the linguistic units change its signification depending on the linguistic sequence in which they occur. Sometimes the modification of a single element of the linguistic context is enough to change, radically or imperceptibly, the semantic value assigned by a linguistic unit.

For instance, in Portuguese, certain nouns are susceptible of changing its status depending on its application in the singular or in the plural (*o conhecimento da flora marítima / os conhecimentos do João; a destruição do inimigo / as destruições do inimigo*); tense can determine the lexical value of a verb and, modifying at the same time, the conditions of its application (*ele ainda não comeu / ele ainda não come*); the precedence or postposition of some adjectives in relation to nouns modifies their semantic values (*um homem grande / um grande homem; um mosteiro antigo / um antigo mosteiro*); when we associate different kinds of complements to the same verb (that can present a transitive or intransitive functioning, for instance), the sequences' signification varies according to the kind of complement (*já comi / já comi o bolo; eu vi o João a correr / eu vi que o João tinha corrido*); the type of adverbials can condition the value ascribable to a grammatical morpheme (*mais 2 minutos, ele ultrapassava-nos / 2 min. depois, ele ultrapassava-nos*).

Thus, some conclusions allow us to conceive a semantic approach about the signification of the linguistic units:

1. The signification of the units is not exclusively inherent; it is constructed in and through the linguistic context, at the same time, it determines the signification of the entire sequence. It means that the signification of a linguistic unit doesn't exist by itself; but is defined *via* the several ways in which it is related to the linguistic context.
2. The identity of a linguistic unit doesn't correspond to any basic sense; it has to do with the specific role it plays in the interactions that constitutes the general signification of the linguistic sequences. In other words, the sense of a linguistic unit is not apprehensible as the sense of the unit itself, but through the variation of the outcome of such interactions.
3. A linguistic unit does not possess proper sense and figurative sense. We have, consequently, the hypothesis of a multidimensional organization of sense.

## **Polissemia das formas ou construção de sentido no e pelo enunciado?**

*Helena Topa Valentim*

Com esta breve apresentação, pretendo demonstrar que há fenómenos de diferente natureza que, no quadro de uma análise semântica, põem em causa a afectação de um sentido a um termo linguístico e, por isso, a operacionalidade do conceito de polissemia.

Numa perspectiva de análise que compreende a relação entre a significação linguística e a construção de valores referenciais, constata-se, por exemplo, que as unidades linguísticas mudam de significado em função dos enunciados em que ocorrem sem que esta variação pareça dever-se a regras imediatamente explicitáveis. Por vezes, aliás, basta a modificação de um elemento do seu contexto linguístico para que, de modo radical ou imperceptível, o valor de uma unidade se modifique. Por exemplo, certos N são susceptíveis de mudar de estatuto conforme são empregues no singular ou no plural (*o conhecimento da flora marítima / os conhecimentos do João; a destruição do inimigo / as destruições do inimigo*); o tempo gramatical pode determinar o valor lexical de um verbo, ao mesmo tempo que modifica as suas condições de emprego (*ele ainda não comeu / ele ainda não come*); o emprego posposto ou anteposto de certos adjectivos modifica o seu valor semântico (*um homem grande / um grande homem; um mosteiro antigo / um antigo mosteiro*); associando diferentes complementos a um mesmo verbo (que pode apresentar um funcionamento transitivo ou intransitivo, por exemplo), o sentido das expressões varia de acordo com o complemento (*já comi / já comi o bolo; eu vi o João a correr / eu vi que o João tinha corrido*); o tipo de adverbial pode fazer variar o valor atribuível a um morfema gramatical (*mais 2 minutos, ele ultrapassava-nos / 2 min. depois, ele ultrapassava-nos*).

Algumas conclusões permitem, assim, estruturar uma outra abordagem da questão do sentido das formas linguísticas:

1. O sentido das unidades não é um dado mas constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo que estas determinam o sentido dos enunciados. Ou seja, o sentido das unidades não existe por si mesmo; define-se através dos variáveis modos de relação com o contexto em que se inscreve.
2. A identidade de uma unidade não se define por qualquer sentido base mas pelo papel específico que desempenha nas interacções constitutivas do sentido dos enunciados em que ocorre. Isto é., o sentido das unidades não é apreendido como o sentido da própria unidade mas através da variação do resultado de tais interacções.
3. Não há sentido próprio e sentido derivado (ou figurado). Coloca-se, por conseguinte, a hipótese de uma organização multidimensional do sentido. A concepção de um sentido “puro” ou “original” de uma unidade seria uma abstracção.

